

O RETORNO DE DIONÍSIO

Luis Satie*

Resumo: Neste ensaio, proponho a arte como ponto de fuga aos problemas epistemológicos das ciências humanas, cujas categorias – derivadas, em grande parte, da mecânica, da biologia e da cibernética –, parecem se aplicar mais à análise do grupo, da classe e do sistema do que à do indivíduo.

Palavras-chave: arte - política – filosofia – direito.

Abstract: In this essay I propose art as a escape point to the epistemological problems of the humanities, whose categories – derived, largely, from mechanics, biology and cybernetics - seem to apply more to the analysis of the group, class and the system than to the individual.

Keywords: art – politics – philosophy – law.

Já era de se esperar.

Depois de derrotar os titãs e resistir a reis enlouquecidos, não sucumbiu na profundidade dos séculos.

Depois de cruzar a marginalidade e elevá-la aos céus, não se deteve diante da lei e do sentimento de culpa: conquistou a admiração do pai e resgatou a mãe do inferno.

Não morreu pelo prazer; deu-lhe um trono de primeira linha entre os deuses do Olimpo, para que eles também se embriagassem.

Afogou o Império Romano em vinho e orgia, castigando-o pela dor imposta aos plebeus.

Invadiu as telas do Renascimento, saudando o florescimento das artes.

Alojou-se inquieto em nosso inconsciente quando a razão tornou-se a *mathesis universalis*¹, a deusa ciência, esta, quem sabe, o fantasma da hostilidade de Hera, sua madrastra, que o perseguira implacavelmente desde a infância, com um único objetivo: punir a relação infiel do pai, Zeus, com a verdadeira mãe, Sêmele. A deusa ciência, desdobrando o instinto de morte de Hera, condenou todas as mulheres, como símbolo da purgação do mal de Sêmele, expulsando-as para fora do mundo.

A partir daí, a deusa ciência instaura-se masculina e torna-se, como dissera o filósofo inglês Francis Bacon, senhora e possuidora da natureza, inimiga da sensualidade dos corpos, agora convertidos em objetos a ser retalhados e

¹ Expressão usada por Descartes para designar a ciência matemática não bebida nos livros, distinguindo-a da matemática escolástica. Ver notas de Gerard LEBRUN in: DESCARTES, René. *Discurso do método*. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 39.

analisados. Da análise resultarão medidas, equações, teoremas e axiomas cujas constantes e variáveis serão arremessadas numa espécie de eixo da vida. Por ali passará o cognoscível e resolver-se-ão as grandes questões de nossa existência. O eixo de coordenadas cartesianas funcionará como um buraco negro que suga o inquantificável e preserva o aferível.

A visão desloca-se das coisas para suas leis e propriedades, plotadas em gráficos. Assim como os cegos, dizia Descartes, “veem com as mãos”, a ciência manipula os objetos, sem permitir que o espírito o faça e os percorra com volúpia. O modelo cartesiano da visão é o tato.²

Porém, como dizia, já era de se esperar que o filho de Zeus arrebetasse as clausuras de nosso inconsciente e provocasse a desordem em nosso imaginário matemático, atravessando tímida e sorrateiramente as fronteiras da racionalidade científica para relativizar as noções de tempo e espaço e embaralhar o sujeito no meio das coisas.

Nessa confusão de corpos, a perplexidade instala-se e excita-nos à tomada de consciência da objetividade: compreendemos que a subjugação da natureza não é senão a subjugação do próprio gênero humano. Somos agora assaltados pelo remorso e instigados à busca neurótica do outro.

Ocorre que os estragos foram muitos, e o remorso pode não ser suficiente para abater nosso sentimento de impotência. Daí a importância de Dionísio ter descido do panteon olímpico. Durante um dos carnavais de exaltação à sua divindade, um dos foliões entra em transe, portando uma máscara que lembra o jovem e alegre deus, e grita em voz alterada:

- Eu sou Dionísio!

Eis que nasce o teatro grego, na ousadia de um bacante que quebra o antigo tabu da imitação das divindades. Dupla transgressão da *polis* e do Olimpo. Esse ritual de passagem do inconsciente para a arte tem acompanhado toda a história humana, principalmente durante os momentos críticos de sujeição da libido. Podemos entendê-lo como a reedição em nosso imaginário da orgia órfica das comunidades primevas, recalcada com o advento do cristianismo, da ciência e do

² Ver PONTY, Maurice Merleau. *Textos estéticos*. São Paulo: Civitas, 1985. p. 284.

Estado³.

A história da arte é, sobretudo, a história da celebração coletiva dos desejos, uma reserva de subjetividade militante, entrelaçada com a vida. Se o sentimento de culpa advindo da ruptura da *ratio* científica com a natureza é insuficiente para recuperarmos a aliança celebrada pela arte, estamos diante de um impasse, de um mal-estar: o mal-estar da civilização⁴.

A incapacidade não só da ciência mas também da filosofia de resignificar a cotidianidade de modo alegre e sadio, acusa uma certa relação promíscua da episteme com o poder do Um. O mesmo acontece com a política, a economia e o direito, igualmente herdeiros de Hera, organizadores da servidão voluntária⁵.

E como se estabelece a relação da arte com o mundo? Traduzindo-o em sons, cores, imagens e movimentos, rerepresentando-o de modo diferente, para que as pessoas o admirem e sintam o estranhamento. É o momento da catarse, uma sensação de desvelamento do real, um instante de prazer, a emoção do belo.

Essa natureza catártica da arte, não obstante, apesar de atualizadora de *Eros* e capaz de nos proporcionar a experimentação do fato estético, também não tem transformado efetivamente os parâmetros de nossa convivência. Continuo, porém, acreditando na arte como condição de possibilidade para que alcancemos esse objetivo.

Isso porque concebo as obras de arte como reservas de sentidos e desejos sublimados ao longo da vida por uma categoria especial de indivíduos, os artistas. A angústia maior desses cientistas das formas é mostrar aos outros a face espetacular do mundo, o invisível das coisas, a natureza primordial. Essa era, por exemplo, a busca incansável de Cézanne⁶.

Os artistas transformam objetos familiares em coisas⁷, nas quais a linguagem do inconsciente é traduzida para uma linguagem *sui generis*, múltipla de significações, que encarna a materialidade do objeto a ponto de torná-lo,

³ Ver CHÂTELET, François; KOUCHNER, Évelyne Pisier. *As Concepções Políticas do Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 31.

⁴ Ver FREUD, Sigmund. *O mal-estar da civilização*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

⁵ Ver BOÉTIE, Etienne de la. *Discurso da Servidão Voluntária ou O Contra-Um*. 3 ed. São Paulo : Brasiliense, 1986.

⁶ Ver PONTY, Maurice Merleau. *Textos Estéticos*. São Paulo: Civitas, 1985. p. 306-311.

⁷ Sobre a transformação do objeto em coisa, ver LACAN, Jacques. *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. p. 142-143.

simultaneamente, visível e vidente⁸.

Numa perspectiva individual, percebo essas significações como sublimação da libido reprimida pelo superego, como deslocamento do objeto da neurose; pelo prisma social, as significações adquirem o estatuto de rememoração da liberdade, da intuição, dos instintos, recalcados pelo dever, pelas leis e pela lógica. A história da arte é, portanto, a história do autoconhecimento individual e coletivo. É, ao mesmo tempo, autobiografia, autorretrato e genealogia, revelados pelo inconsciente individual e coletivo.

Ora, se a arte, a filosofia e a ciência, em graus diferenciados, têm sido impotentes para operar uma mudança de qualidade na dimensão ético-jurídico-política de nossa existência, que luz poderá clarear o fim do túnel da modernidade?

Não creio em milagres e/ou fórmulas que nos orientem a travessia para a outra margem do rio. Não há malabarismos teóricos que dissimulem a dinâmica do sensível. A interdisciplinaridade amplia o ângulo de sobrevoo do objeto, mas, por si só, não garante a aterrissagem, sobretudo se a pilotagem for sistêmica ou metafísica.

Entretanto, a complexidade do modo de vida contemporâneo não é tanta que possa ofuscar a visibilidade do óbvio, isto é, a miséria social e ecológica. E mesmo essa constatação, essa consciência da necessidade, não é o bastante; é apenas o ponto de partida.

Não se trata de procurarmos heróis e santos que se autoflagelm em nome da causa, nem de apontar os culpados por esse estado de coisas. O humanismo cristão tem sido, de um modo ou de outro, inspirador de uma certa ética revolucionária do sacrifício e da compaixão, uma ética do calvário, na qual crucificamos a libido para nos salvar.

Também não é a busca de um substituto tecnológico que preencherá nossa falta de vontade ontológica. A virtualização do tempo e do espaço nos tem conduzido à sedentarização crônica⁹. Quanto maior a velocidade das informações que circulam no planeta, maior a necessidade de ficarmos parados para não perder o sincronismo da leitura.

Esperamos, segundo a segundo, que signos luminosos ataquem nossas

⁸ PONTY, op. cit., p. 278.

⁹ Ver VIRILIO, Paul. *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

retinas e desloquem nossa percepção para um plano virtual onde até o impossível é possível: a realidade é convertida em ícones e o espaço em plano. A euforia pós-moderna pela dança dos signos é psicótica, por celebrar o ocaso do significante, a morte do corpo.

Para Merleau Ponty, do ponto de vista da percepção, um dos atributos humanos mais importantes é a capacidade de olhar o próprio corpo, de ser vidente e visível no mesmo instante. Entretanto, na era das infovias – as estradas eletromagnéticas da informação – flagramo-nos sem corpo, videntes absolutos da ausência do outro.

Pergunto: o que poderá trazer a natureza de volta, resgatar nossa corporeidade, reinstaurar o carnaval da vida? Sou tentado a responder: o encontro com o outro. Mas essa é uma resposta teleológica que - se não partir da assunção da fratura histórico-social, ocorrida entre o gênero humano e a natureza -, poderá tornar-se escatologia.

Como se posicionam, então, a arte, a ciência e a filosofia diante dessa fratura espiritual e material inscrita na história do gênero humano?

Diante desse desencontro ontológico, os artistas têm sublimado suas neuroses em obras; os filósofos, em elucubrações; os cientistas, na manipulação de símbolos e objetos. Todos impotentes ou indiferentes, passando ao largo do fosso sempre crescente que ameaça a vida do e no planeta.

Acredito que não haverá encontro sadio com o outro enquanto permanecermos cindidos com a natureza. E não há lei histórica, nem sublimação de qualquer espécie que obture essa falta da mãe, da mulher, fonte do cuidado e da criação. Pois nossa cisão com a natureza é a alienação da própria espécie humana, um blecaute em nossa identidade. Para que consigamos superar essa angústia, é preciso nos apercebermos de que tanto a realidade psíquica quanto a realidade física são realidades em movimento, portanto, contraditórias.

Com efeito, a relação inconsciente/consciente é tão contraditória quanto a relação pensamento/mundo objetivo. O pensamento, diante do caos, necessita de uma lógica que o torne compreensível e ordenado. A linguagem nasce como forma de transmissibilidade desse conhecimento. A instituição da palavra representa, então, uma ruptura necessária com o movimento incessante das coisas, uma vez

que a lógica do pensamento não corresponde à lógica do concreto.

De outra parte, a consciência também atua como sentinela da complexidade do inconsciente. O ego segue uma lógica disciplinada diante do id – o território das metáforas –, que sempre conspira contra aquele por intermédio de atos falhos, da fala, dos sonhos e da fantasia¹⁰.

Assim, podemos conjecturar que o pensamento está para o ego assim como a natureza primordial está para o id. Da mesma forma, a filosofia está mais para a especulação do que para a experiência; a arte e a ciência, por sua vez, estão mais para a experiência do que para a especulação. Basicamente, o que difere a experiência estética da experiência científica é que a primeira revela mais a particularidade do concreto e a segunda, mais a sua universalidade. Em termos psíquicos, a ciência e a filosofia estão para o ego, enquanto a arte está para o id.

Marx e Engels nos conduziram à síntese entre a ciência e a filosofia, ao anunciarem o fim da filosofia clássica alemã¹¹, voltada para a contemplação e a interpretação dos fenômenos do mundo. O papel da filosofia seria, dali em diante, transformar a realidade objetiva, colocá-la a serviço da liberdade. Gramsci denomina essa síntese de filosofia da práxis e entende essa passagem da necessidade à liberdade como a superação da objetividade, a passagem do momento econômico para o momento ético-político.

Contudo, tivemos experiências históricas desastrosas inspiradas, bem ou mal, no marxismo: totalitarismos, genocídios, cultos à personalidade, enfim, o fortalecimento de Estados e burocracias, justificado pela descoberta de uma certa lei do desenvolvimento histórico imanente às sociedades. Se a concepção de mundo (*Weltanschauung*) marx-engelsiana tem sido, até agora, um instrumento até certo ponto eficaz de compreensão e modificação das realidades, ainda assim apresenta problemas fundamentais.

A incompreensão do inconsciente, a cumplicidade com a racionalidade científica e cientificizante, a vocação para a unidade e homogeneidade e a obsessão por uma certa verdade histórica têm impermeabilizado o marxismo ao prazer, ao múltiplo e ao diverso, distanciando-o da cotidianidade. Essa é a razão pela qual uma nova síntese se faz necessária; uma síntese que reúna as condições de

¹⁰ FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 16-33.

¹¹ Vide MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Moraes, 1984.

possibilidade para a liberação das subjetividades diante do caos, a convergência dialética entre filosofia, arte e psicanálise.

É claro que, nessa síntese, nenhuma das três esferas permanecerá a mesma. Com efeito, a filosofia perderá suas características de unidade, progresso e ênfase na universalidade e adquirirá a criatividade, a multiplicidade, a diversidade e a particularidade, dimensões da arte; dirigir-se-á às praças e campos para colher uvas e preparar a folia. A psicanálise superará o Complexo de Édipo e liberará a energia tanática para a criação sadia da novidade, sem sentimento de culpa. A arte migrará das telas e partituras para reinventar a cidade, com estilo, ritmo e harmonia, transgredindo o mau gosto das fórmulas anacrônicas.

Designo tal síntese de estética ético-jurídico-política ou ecoestética, uma espécie de filosofia da práxis, liberada pela poética e pela pulsão de vida irradiada de nosso inconsciente coletivo, há tanto tempo recalcado em virtude da segurança e felicidade prometidas pela civilização vigente. Id, poesia e dialética fecundando uma nova artisticidade. Uma artisticidade concreta e excitante que transforme as teorias e conceitos em esboços de vida.

Nesse rearranjo de categorias, vislumbro a condição de possibilidade para o encontro renovado da ciência e da filosofia com o senso comum: a reconciliação da episteme com a doxa. E como esse pouso no concreto é constitutivo de convivências, trata-se de um pouso jurídico-político estilizado, criativo.

Os novos filósofos da práxis pintam suas cidades não com base em um *logos* ordenado e desprovido de energia libidinal, como projetara Platão para sua república sem artistas. Os ecoestetas transportam em suas paletas a imprevisibilidade da obra, o desejo intenso de criar e a responsabilidade do futuro, a partir da amarga contemporaneidade.

É nesse ponto que se nos coloca um desafio tão decisivo quanto a batalha de Dionísio contra os titãs, enviados de Hera, e tão delicado como o cuidado afetuoso que as cinco ninfas, filhas de Atlas, dispensaram ao filho de Zeus: a *kallipolis* só emergirá no processo de obturação da falta primordial de nosso enlace existencial, a saber, o desencontro com a natureza, a alienação da espécie de si mesma.

Enquanto durar a subjugação da natureza, refletida na brutal dominação do homem/mulher pelo homem, a cidade não será bela. Obturar essa falta é intervir

criativamente na contemporaneidade, atacar o quadro da vida de todos os lados, em múltiplas perspectivas, inscrevendo-lhe novas colorações, tons e contornos. É transgredir a ordem vigente, reinventando seus territórios e sentidos, liberando a pulsão de morte recalcada para sublimá-la no resgate da humanidade perdida.

Nesse sentido, o processo de formação do belo ético-jurídico-político é também um processo de conquista de nossa autonomia, de destronamento do Um, de presentificação do corpo. O belo nasce do significante, dialeticamente revisitado, como forma sempre aberta de um conteúdo social em permanente modificação.

O belo nasce do sublime, da estranheza, do movimento; o belo é rebentação, produto das tensões. Nesse sentido, o belo ético-jurídico-político é expressão do sublime, dos conflitos, avesso a qualquer harmonia pré-estabelecida. Sua deusa não é a cega, fria, celestial e aristocrática Themis, mas a sábia, inteligente, sensual, guerreira e mundana Palas-Athena.

Ora, se Athena exsurge sublimemente das meninges de Zeus, Dionísio também é o rebento de um conflito, a saber, da relação proibida de Zeus com a mortal Sêmele. Mas, enquanto Athena protege a democracia, a cidade objetiva, Dionísio instaura os carnavais, garante a folia e possibilita a emersão da subjetividade, permitindo, assim, que a cidade adquira novas configurações: o objetivo se subjetiva, e, ao subjetivar-se, assume outra objetividade.

Já observamos traços marcantes dessa emersão sublime do belo na modernidade, embora ainda tímidos em sua molecularidade. São as experiências autogestionárias conduzidas pelos movimentos sociais, culturais e ecológicos. No entanto, esses traços são apenas esboços da obra, ainda em projeto no ateliê das aldeias, becos e calçadas de uma cidade em ruínas.

Entretanto, se o sublime ético-jurídico-político viceja em guetos e cavernas, não deve dar as costas ao Leviatã, sob pena de ser esvaziado de seu conteúdo libertário e normalizado por ele. Afinal, como bem salienta Nietzsche, nessa conhecida passagem “Do novo ídolo” de *Assim falou Zaratustra*:

Estado chama-se o mais frio de todos os monstros frios. Friamente, também, ele mente, e essa mentira rasteja de sua boca: ‘eu o estado, sou o povo’. É mentira! criadores foram os que criaram os povos e suspenderam uma crença e um amor sobre eles: assim serviam à vida. Aniquiladores são os que armam ciladas para muitos e as

chamam de Estado: Suspendem uma espada e cem apetites sobre eles.

Para encará-lo de frente, é preciso compreendermos como se dá o deslocamento do universal para o particular no âmbito da ecoestética. Esse deslocamento não significa o abandono da universalidade, mas o seu recolhimento na particularidade. O mesmo acontece com a singularidade de nossa experiência individual no mundo¹²: ela também é recolhida, em vez de eliminada da dimensão particular da existência, de modo que se evite a repetição da cisão de nossa relação com o sensível.

A estatalidade deve ser absorvida pelos núcleos autogestores no ato de sua multiplicação. E que essa absorção signifique o desmantelamento de aparelhos tecnoburocráticos e repressivos; a emergência de micropoderes; a inutilização de parlamentos, por meio do exercício da democracia direta nas bases moleculares; e o controle planejado da economia, conforme o princípio da autossustentabilidade: o fim da economia política.

O sublime ético-jurídico-político não é infinitivo: é gerúndio; é a precipitação de conteúdos sociais libertários em formas de convivência pacífica, bem como o recolhimento dessas formas – à medida que envelhecerem - em novos conteúdos. É uma espécie de conexão de sentidos¹³ que sempre nos revisitam e nos transformam em protagonistas de um estilo alvissareiro de coabitação planetária.

Eis, talvez, as condições para que o nosso encontro com o outro e a natureza seja possível. O retorno dialético de Dionísio permite que realizemos essa passagem com prazer, festejando cada traço, cor e movimento bem sucedidos na experimentação de novos hábitos e no rearranjo crítico de nossas virtudes.

Cézanne ocupava-se de cem sessões de trabalho para pintar uma natureza morta¹⁴; de quantas precisaremos para reinstaurar a própria humanidade?

* Doutor em Filosofia e Ciências Sociais pela EHESS-Paris. Pesquisador do Grupo Neokantismo e Filosofia Contemporânea do CNPq/UFPB. Seu programa de pesquisa sugere uma mudança de paradigma na filosofia jurídica, a partir do que designa como Teoria Estética do Direito. E-mail: luisatie@yahoo.com.br.

¹² Sobre a peculiaridade do reflexo estético, vide LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma estética marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 161-162.

¹³ Expressão de H. Heller, que a emprega para definir a constituição jurídica destacada de uma sociedade. Ver HELLER, Hermann. *Teoria do Estado*. São Paulo: Mestre Jou, 1968. p. 306-307.

¹⁴ PONTY, op. cit., p. 303.

REFERÊNCIAS

- BOÉTIE, Etienne de la. *Discurso da Servidão Voluntária ou O Contra-Um*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHÂTELET, François; KOUCHNER, Évelyne Pisier. *As Concepções do Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- _____. *As paixões da alma*. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar da civilização*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *Cinco lições de psicanálise*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- HELLER, Hermann. *Teoria do Estado*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- LACAN, Jacques. *A ética da psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma Estética Marxista: Sobre a Categoria da Particularidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Moraes, 1984.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. São Paulo: Hemus, 1989.
- _____. *Considerações Intempestivas*. Lisboa: Presença, 1976.
- _____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- PONTY, Maurice Merleau. *Textos Estéticos*. São Paulo : Civitas, 1985.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Um Discurso Sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento, 1993.
- VIRILIO, Paul. *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.